

## 14. RESIDÊNCIA MÉDICA, NO HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO (HSE)

### O Hospital e seu Corpo Clínico



Antes da transferência da Capital Federal para Brasília e, mesmo, até vários anos depois, era para o **HSE** (**foto** anterior) que demandavam, além dos funcionários comuns do Governo Federal, aqueles outros de maior destaque, incluindo o Presidente da República e Ministros de Estado.



Registro da **inauguração do Hospital dos Servidores do Estado – HSE – no dia 28/10/1947**, destacando-se o então **Presidente da República – Eurico Gaspar Dutra**, tendo à sua direita o **Dr. Raymundo de Brito** (de branco), Diretor do Hospital e, à sua esquerda, o **Sr. Alcides Carneiro**, então Presidente do IPASE, além de autoridades civis e religiosas.

Localizado na Rua Sacadura Cabral, bairro Saúde, Centro do Rio de Janeiro, as suas instalações, inclusive com suíte presidencial e outros cômodos afins, ocupando um andar inteiro, eram bem confortáveis. Nos demais andares, ocupado cada qual por um ou dois serviços clínicos, havia enfermarias, com vários leitos, além de alguns quartos individuais, com instalações sanitárias e todo o conforto, a serem ocupados, em geral, por servidor ou familiar ou outra pessoa com influência na Direção do Hospital. Aqueles cômodos privativos se prestavam, também, para acomodar, paciente que necessitasse de isolamento.

O corpo clínico era de escol e dedicado, sendo integrado por autênticos Mestres da Medicina, muitos deles Professores de Escolas Médicas. Apesar de não pertencer a uma Universidade ou Faculdade de Medicina, o HSE era, por excelência, um **hospital escola**, porquanto, ao lado da **boa atenção aos seus pacientes**, o **espírito científico** lhe era uma regra basilar.

No HSE, é que, em 1948, foi implantada, pela primeira vez no Brasil, a Residência Médica.

Mesmo antes de passar a integrar o Sistema Único de Saúde (SUS), para lá já havia um grande aumento da demanda de pacientes,

o que motivou a que fosse aumentado, também, o número de Médicos Residentes.

O hospital adotou, por muitos anos, uma política de aperfeiçoamento interessante, em termos de Brasil. É que, regra geral, eram reservadas vagas de Residentes para os diversos estados brasileiros, de modo que, assim pulverizando bons Clínicos e outros Especialistas por todo o país, contribuiu enormemente para melhorar-lhes a assistência médica. O candidato a Residente tinha, obviamente, que dispor de um bom currículo e receber recomendação de um ou mais dos seus professores e de um ex-Residente do HSE, no seu estado de origem. O nosso grupo era composto por colegas desde o Rio Grande do Sul ao Amazonas e havia apenas uma colega do Rio de Janeiro.

A moradia dos Residentes masculinos era no já citado Hotel Barão de Tefé (HBT), um velho e charmoso hotel, bem ao lado do Hospital. No hotel, de instalações pouco confortáveis, pelo menos os lençóis e toalhas eram trocadas algumas vezes por semana e a limpeza dos quartos e banheiros, feita diariamente. As Médicas Residentes continuaram habitando em cômodos dentro do próprio HSE, sendo que as refeições eram servidas no refeitório do Hospital.

No hotel, climatização não havia, de modo que, nos meses quentes, mesmo com as janelas permanentemente abertas, tínhamos que nos banhar, sem enxugar o corpo, até várias vezes, especialmente à noite, desprezando, inclusive, roupa de dormir, tudo no afã de tolerar melhor o calor. Em um dos quartos que, em geral acolhia duas pessoas, ficamos eu e **Luiz Carlos Rebouças de França**, este também cearense, que fazia Pediatria. Ele era um bom companheiro, sereno, cordato e, embora divergíssemos quanto à torcida futebolística (ele pelo Fluminense e eu pelo Vasco), nos entendemos bem, durante aqueles dois anos de convivência..

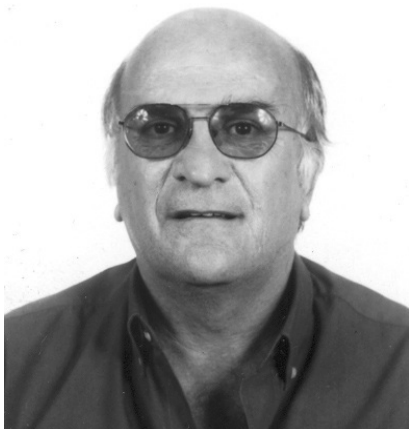
A Residência de Clínica Médica era repartida em estágios, sendo três meses em cada uma das suas principais disciplinas: **Neurologia, Cardiologia, Gastroenterologia, Reumatologia, Nefrologia, Pneumologia, Endocrinologia e Hematologia**. A quem pleiteasse e fosse aceito, poderia ser oferecido um terceiro e até, um quarto ano, adicionais, dentro de uma daquelas especialidades. O Chefe do nosso Serviço, **Dr. Theobaldo Viana**, embora muito severo e, às vezes, até rude, era muito organizado e interessado no nosso aprendizado. Ele diligenciava para que fossem cumpridas todas as atividades: reuniões científicas gerais,

semanalmente e específicas; discussão de casos; reuniões conjuntas com outros serviços, especialmente a Radiologia e visitas, à beira do leito, em cada Clínica, às quais, sempre que possível, ele também acompanhava. Meu preceptor na Neurologia, **Dr. Cláudio Lins**, era uma pessoa muito respeitosa, para conosco e os pacientes e muito claro nas explicações, especialmente quanto ao diagnóstico e à terapêutica. Doutor Lins, não raramente, durante a discussão, permanecia com os olhos cerrados, cabeça baixa, não por sonolência, mas porque, revelou-nos depois, padecia de enxaqueca, por sinal minha companheira por muitos anos. Na **Cardiologia**, esta já pertencente a um Serviço próprio, pontificava o seu chefe, **Dr. Raymundo Dias Carneiro**. Com ótimo senso de humor, não se furtava em fazer, mesmo que reservadamente, o elogio ao charme e à beleza das nossas colegas Residentes. O seu Serviço era composto por uma plêiade de especialistas. Um dos membros destacados era o **Dr. Marciano Carvalho**, cearense, ex-Residente do próprio HSE e que fizera aperfeiçoamento nos Estados Unidos da América, com ênfase ao estudo das arritmias cardíacas e das doenças coronarianas. Sob a chefia de Marciano, teve o HSE o funcionamento de uma das primeiras Unidades Coronarianas do Brasil. **Laércio Valença**, paraibano, também ex-Residente do HSE e do *Massachusetts General Hospital*, Boston, USA, me foi um grande orientador, não somente em **Pneumologia**. Ele passava, também, postura ética e conduta médica adequadas. O seu modo profissional de proceder muito me ensinou no relacionamento correto com os pacientes, com outros colegas e, enfim, com as demais pessoas. Dr. **Aluysio Soriano Aderaldo Júnior**, do Ceará e então realizando aperfeiçoamento na França, viria, posteriormente, a chefiar aquela disciplina. **Luiz Vertzman** era o grande nome da **Reumatologia**, não apenas no Rio de Janeiro, mas em todo o Brasil. Tinha a seu lado os assistentes **Jacob Rubstein**, **Nocy Leite** e outros e conseguia nos empolgar com o seu grande cabedal de conhecimentos, didática, entusiasmo e empatia. Dominava, como ninguém, a abordagem das doenças dos tecidos conjuntivos (colagenoses), especialmente Lúpus, Doença Reumatoide, Vasculites e outras. Foi autor de dois alentados tratados sobre o assunto. Na **Gastroenterologia**, o coordenador era **Flávio San Juan**, também muito conceituado e preparado, no tratamento e no ensino de temas das doenças do aparelho digestivo. Dra. **Fátima Araripe**, cearense que lá também se especializara, era uma das suas assistentes. Dra. **Ingborn Laun**, muito dedicada aos pacientes, era metódica e

rigorosa na conduta médica e ensino da **Endocrinologia**, com particular desenvoltura em cuidar dos problemas de diabetes na gravidez. Doutor **Youssef Bedran** chefiava diligentemente a **Nefrologia**, onde havia, pelo menos, mais dois notáveis: Doutores **Santino Filho e Roberto Chabo**, ambos ex-Residentes do HSE. Aqueles nefrologistas faziam proveitosas discussões, nas visitas à beira do leito, o que aumentou o meu interesse por aquela especialidade. A propósito, desisti de ser nefrologista, depois de assistir o sofrimento dos pacientes portadores de insuficiência renal terminal, com muitos sintomas decorrentes da uremia, numa época em que não havia, ainda, hemodiálise, nem transplante renal. Dr. **Haley Pacheco** era um destaque na **Hematologia**, disciplina que chefiava, sendo que, dentre outros membros do seu staff, havia Dra. **Tereza Athen**, piauiense, a qual após concluir a Residência Médica, no HSE, se aperfeiçoara fora do Brasil.

### **Adrelírio, um grande mestre**

Doutor **Adrelírio Rios-Gonçalves (foto)**<sup>(30)</sup>, ex-colega de Marcelo Martins Rodrigues, quando graduandos da Faculdade de Ciências Médicas (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) era o membro mais atuante do Serviço de Clínica Médica do HSE.



Ao meu tempo, ele já estivera fixado, para fins administrativos, em algumas daquelas Disciplinas e, assim, possuía um **ótimo domínio da Medicina Interna, como um todo**. Gradualmente e cada vez mais, no entanto, passou a se dedicar, com denodo, a tratar de pacientes com **doenças infecciosas e ao uso racional de antimicrobianos**. Como poucos, tinha desenvoltura em doenças tropicais. Na prática, e assessorado por Residentes mais interessados, digo que ele valia por todo um serviço de infectologia, (àquele tempo inexistia, lá, formalmente, tal disciplina ou serviço).

A nefrologista Doutora **Sônia Rios**, sua esposa e com quem teve uma filha, lhe era colega no Servidores e desde o tempo da Faculdade.

Das grandes qualidades profissionais e, sobretudo, éticas de Adrelírio, já tive o prazer de percorrer em publicação anterior (**Clínica Médica do Ceará: Passado & Presente, 2008**), mas me apraz repetir algumas delas. Ele abordava o paciente, qualquer um, com a maior atenção e carinho, o que, como se sabe, representa um alento para quem se sente abatido pela doença. De rara inteligência, conhecimento científico, senso epidemiológico abrangente e grande habilidade no exame clínico, frequentemente dava o diagnóstico de cara, com o que ganhava tempo, para a solicitação racional de exames e o estabelecimento do plano terapêutico adequado. Para isso, diligenciava pessoalmente, entrando em contato com o laboratório, o serviço de radiologia e outros profissionais. Assim, não aguardava que, pelos trâmites comuns, lhe chegasse às mãos o resultado dos exames. Ele ia, pessoalmente, buscá-los, de modo que, com um tratamento causal e o mais precoce possível, conseguia propiciar ao seu paciente o benefício da cura ou, pelo menos a remissão do seu sofrimento.

Com os seus pares, mantinha também um ótimo relacionamento e era igualmente muito querido pelos Residentes. Primava pela simplicidade e, como transporte, utilizava ônibus ou a carona de algum colega ou amigo. Pelos seus méritos, era muito solicitado para dar conferências médicas, tendo vindo ao Ceará por inúmeras vezes. Estava sempre disponível, também, a emitir opiniões, geralmente por telefonemas vindos de vários pontos do país.

Adrelírio viria a ter uma existência terrena muito menor do que se esperava e, principalmente, do que a Sociedade Humana dele necessitava.

### **Rotina do Residente de Clínica Médica**

No turno da manhã, fazíamos a visita ao leito de cada paciente que nos era designado, a descrição, no prontuário, da evolução do caso, a solicitação de exames necessários e a respectiva prescrição médica. Em determinados dias, havia uma visita com o preceptor da Disciplina, para revisão clínica do paciente. Havia reuniões menores, no âmbito de cada Disciplina. Discussões mais detalhadas, quanto ao diagnóstico e o prognóstico, não eram, obviamente, feitas à beira do leito do paciente.

A reunião geral da Clínica Médica, coordenada por Dr. **Theobaldo** ou seu Chefe de Clínica, Doutor **Bento Coelho**, ocorria semanalmente,

no Centro de Estudos, com a presença dos Residentes e membros do staff do Serviço. Naquela ocasião, se discutiam casos que tivessem maior interesse científico ou ético, incluindo sessões anatomoclínicas (de pacientes falecidos e cujo diagnóstico final seria conhecido somente naquela ocasião, após todos os dados da necrópsia) e sessões de revisão de óbito.

Havia trabalho de ambulatório (pacientes externos), sob orientação de um preceptor e de um R3, sendo este um especializando em uma Disciplina específica (pneumologia, reumatologia etc).

Prestávamos plantões noturnos e de fins de semana, nas dependências do Serviço (Quarto Andar), onde poderíamos permanecer além do período regulamentar, no caso de nossos pacientes apresentarem instabilidades orgânicas, como, por exemplo, descompensação diabética acentuada e que, por qualquer motivo, não tivessem sido transferidos para o Centro de Terapia Intensiva (CTI). Naquelas situações, com efeito, era exigido que mantivéssemos a necessária monitorização clínica.

Os plantões da Emergência eram mais pesados, porque, lá, o atendimento, na minha época, era feito somente pelos Residentes (os médicos do staff, na sua maioria, eram obstetras que haviam sido transferido de uma maternidade do IPASE, recém-fechada, no subúrbio de Marechal Deodoro). Assim, quando em frente de uma dificuldade na conduta médica, recorriamos a um residente mais experiente que fosse encontrado na ocasião ou ao plantonista do CTI, onde havia, sempre, um intensivista experiente.

No CTI, composto, na grande maioria, por membros do staff da própria Clínica Médica, tínhamos um ou dois meses de estágio diário, além dos plantões.

Havia um mês, em que também prestávamos plantão no Banco de Sangue do Hospital, ficando, assim, a nosso cargo, atender às urgências transfusionais.

### **Algo além do Hospital...**

Nos fins de semana, quando livre de plantões, o programa era encontrar Valtina e irmos a um cinema ou a um espetáculo musical e, nos dias de domingo, ir à casa de parentes e amigos, conforme já relatado antes. Visitamos algumas vezes, dois colegas, casados, cearenses, que

no Rio estavam fazendo também Residência Médica (**Francisco José Fernandes Vieira – Nonon e João Batista Holanda**), ambos em Copacabana, onde eventualmente íamos à praia e lanchávamos no Bobs.

Na última noite de 1970, assistimos, a passagem do ano, na areia daquela praia, já apinhada de gente, mas ainda sem o esplendor da queima de fogos de artifício que, atualmente, acontece, com aparente exagero.

No HBT, não havia aparelho comum de TV, nem tínhamos um no nosso quarto, de modo que, para ver algo de interessante, nos deslocávamos para o Nordeste. Este era um quarto maior, de esquina, onde moravam quatro ou cinco colegas, todos, coincidentemente nordestinos, de cujos nomes me recordo de três: **Sérgio Liebman** (de Fortaleza), **Queiroga e Alfredo** (da Paraíba). Naquele animado ambiente, não era raro acontecerem, nas tardes de sábado, comemorações regadas a brama e feijoada. Para facilitar aquela função, no térreo do hotel, correspondendo exatamente àquele apartamento, ficava o Bar do Zica, de onde, por comodidade, eram alçados baldes pendurados em cordas, conduzindo a bebida e a comida.

Em um dia vinte e oito de outubro (data consagrada ao funcionário público), a convite da Associação dos Servidores do HSE, tivemos um copioso e demorado almoço numa churrascaria na zona norte da cidade, com rodízio de comidinhas e bebidinhas, do que, infelizmente me resultou uma senhora enxaqueca.

Ao final da Residência, tivemos uma confraternização, de tarde inteira, no amplo apartamento do Dr. Theobaldo, situado defronte à Praia do Flamengo.

Doutor Bento Coelho, o Chefe de Clínica, nos propiciou um agradável jantar no seu apartamento, da Rua Barão da Torre (Ipanema), onde pudemos, também nos congregar, pela conclusão da Residência Médica, tão proveitosa para o nosso aperfeiçoamento profissional.

Aqueles encontros e comemorações bem representaram a ventura de termos auferido o inestimável aperfeiçoamento profissional e ético, ao mesmo tempo em que nos comprazemos da convivência, alegre e fraterna, com colegas de rincões tão distantes do nosso país e numa cidade sempre deslumbrante.